

Chissano e Dhlakama reuniram-se em Harare

A.1.4

O Presidente moçambicano, Joaquim Chissano, manifestou ontem esperança de ver consolidado o actual processo de paz em Moçambique, resultante do acordo de cessar-fogo assinado em Outubro, em Roma, a capital italiana, entre o Governo e a Renamo.

Falando na capital zimbabweana, Harare, no término de um encontro mantido com o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, Chissano disse que o encontro serviu para discutir aspectos ligados ao processo de paz em Moçambique.

O encontro, considerado por Chissano como tendo surgido por coincidência, foi realizado na residência oficial do Presidente zimbabweano, Robert Mugabe, à margem da cimeira de emergência dos líderes da Linha da Frente, ontem decorrida em Harare.

A reunião entre Chissano e Dhlakama, que durou pouco mais de hora e meia, foi a sós, tendo o líder moçambicano, na sua breve declaração a jornalistas que o acompanhavam, dito que "estamos crentes que o processo de paz em curso no país vai prosseguir".

"Informei ao dirigente da Renamo, entre outras questões, que o assunto de casas está já resolvido", disse ele, respondendo a uma pergunta nesse sentido apresentada por um dos jornalistas.

Por seu turno, Dhlakama considerou o encontro de importante porque, segundo ele, "discuti com o Presidente Chissano questões de fundo ligadas ao processo de paz em Moçambique".

As duas partes acordaram, entretanto, no reforço dos mecanismos de fiscalização do cessar-fogo para, segundo Dhlakama, "evitar mais incidentes" semelhantes aos ocorridos pouco depois da assinatura do acordo de Roma. A Renamo lançou uma ofensiva nos meados de Outubro tendo assaltado quatro vilas a norte do rio Zambeze, que algum tempo depois o Exército governamental retomou-as.

Acrescentou ter manifestado ao

Presidente Chissano aquilo que chamou de "preocupação" da Renamo em relação ao enquadramento de desmobilizações do Exército governamental e do antigo Serviço Nacional de Segurança Popular (SNASP) na Polícia.

"Esses elementos foram da Frelimo mas hoje são integrados na Polícia. Que imparcialidade poderão assumir no desempenho das suas funções na nova situação de democracia em Moçambique?" questionou o dirigente da Renamo.

Ele disse ter apelado ao Presidente Chissano para que "não se cometam os mesmos erros de Angola", em que, segundo ele, a actual Polícia de choque naquele país é constituída por antigos membros do exército.

"Recebi garantias do Presidente Chissano de que não haveria problemas com estes elementos, mas a Renamo está preocupada com a situação", afirmou.

Outro aspecto abordado no encontro foi sobre a continuidade das tropas zimbabweanas ao longo dos "Corredores da Beira e do Limpopo", em Moçambique, até a chegada dos 7500 "capacetes azuis", força proposta

pelas Nações Unidas para controlar o cessar-fogo no país.

Esta posição da Renamo foi tomada depois da realização, recentemente, de uma reunião do Conselho Nacional daquele movimento na sua base central, na Gorongosa, província central de Sofala, segundo Jossefate Muchanga, representante da Renamo em Nairobi, a capital queniana.

Jossefate Muchanga integra a delegação de Afonso Dhlakama que desde quarta-feira se encontra no Zimbabwe para conversações com o Presidente Mugabe. Para além do representante deste movimento em Nairobi, a comitiva da Renamo inclui, entre outros membros, Vicente Ululo, Secretário-Geral, e Paris Raul Baza, Secretário para a área da Agricultura.

A delegação da Renamo reuniu-se quinta-feira com Robert Mugabe, um encontro considerado como de "reconciliação". Estava previsto que Dhlakama fosse recebido por alguns líderes da Linha da Frente presentes em Harare, mas tal não aconteceu devido à falta de tempo.

Entretanto, o Presidente Joaquim Chissano regressou ontem a Maputo depois de participar na cimeira dos líderes das sete nações da Linha da Frente.

Fazem parte da Linha da Frente Angola, Botswana, Moçambique, Namíbia, Tanzania, Zâmbia e Zimbabwe. — (AIM)